



# Resenha: *O Trabalho do Negativo* de André Green

No livro *O Trabalho do Negativo*, André Green apresenta uma ampla investigação do negativo, indo além do seu sentido psicanalítico. Inicia seu estudo pela abordagem filosófica, sobretudo pelo pensamento de Hegel e a influência na obra de Lacan em seu período hegeliano. Green faz uma complexa reflexão comparando a abordagem filosófica e a psicanalítica do negativo, observando que a maior dificuldade entre as duas é que a perspectiva filosófica identifica o negativo no movimento da consciência, enquanto que a perspectiva psicanalítica remete o negativo à consciência sob uma forma negativa, isto é, a um in-consciente. Assim, numa tentativa de comparar os pensamentos de Hegel e Freud, a oposição de suas concepções logo fica evidente. No capítulo final, *Em um Caminho Escarpado*, ele volta ao tema e conclui: “Talvez o futuro saberá expressar melhor de que maneira esses dois campos podem se reconhecer mutuamente em sua fronteira comum: a da temporalidade humana” (p. 280).

Green faz, ainda, uma abordagem linguística do negativo, expondo algumas das ideias de Antoine Culioli que parecem convergir para a psicanálise em alguns pontos de tangência das duas disciplinas. Mas o eixo central de seu livro é um retorno a Freud, é uma reflexão sobre o trabalho do negativo na teoria freudiana, embora ele também relacione o negativo com alguns conceitos de Lacan, de Winnicott e Bion e também faça algumas relações com o trabalho de Klein, entre outros autores.

Para Green, a psicanálise se vinculou ao negativo ao assinalar os efeitos da falta, os efeitos do desejo insatisfeito. A sequência do modelo de base do funcionamento psíquico de Freud – a realização alucinatória do desejo - ajuda a compreender o sentido do trabalho do negativo. Todo esse sistema é animado pelas pulsões, que estão sempre em busca de satisfação, sempre suscetíveis de dar origem às moções de desejo. E como não é possível a satisfação imediata, “esse é o tempo e o lugar em que pode se desenrolar o trabalho do negativo” (p. 70). Seguindo, Green afirma: “As representações inconscientes, como expressão do trabalho do negativo, já são o produto de uma negatização da pulsão, pois ela



encontra inicialmente apenas o vazio, antes de se transformar em movimento de desejo” (p.70). Então, a pulsão deve ser negativada.

Neste modelo de base do funcionamento psíquico de Freud, encontra-se o primeiro aspecto do negativo: a função da realização alucinatória do desejo, que está na base do sonho e da neurose (da neurose como negativo da perversão; na perversão, a pulsão se manifesta na plena expressão de sua positividade, ligando-se às formas do negativo que não derivam do recalcado). Neste modelo, as pulsões de vida supõem um vínculo com o objeto fundado na esperança, que permitirá o deslocamento para outros objetos e um reconhecimento do proibido.

Green, ao analisar o trabalho do negativo na obra de Freud, postula a necessidade de a psicanálise enriquecer essa noção do primeiro modelo de base do funcionamento psíquico freudiano com um modelo melhor para dar conta da clínica e oferecer uma imagem mais completa do psiquismo humano. Na concepção do autor, tratar-se-ia menos de rejeitar os conceitos freudianos do que assinalar o que falta neles. Deste modo, ele tenta complementar esse primeiro modelo, fazendo uma ampliação através da mudança de paradigma ocorrida a partir dos desenvolvimentos da segunda tópica e da última teoria das pulsões. Segundo Green, “essa é a mudança de paradigma que coloca no fundamento do psiquismo não o inconsciente, mas as pulsões, elas mesmas divididas agora em figuras de vida e de morte” (p. 73).

Em *A Negativa*, Freud expõe um modelo do aparelho psíquico capaz de se desembaraçar do que é sentido como mau, por meio de uma expulsão para fora, que Green chama de excorporação. Esta é necessária para que a incorporação e, depois, a introjeção dêem lugar a um Eu - prazer purificado - cuja constituição é fundamental para toda a evolução. Green recorda uma nota de Freud em *Dois Princípios do Funcionamento Mental* em que ele menciona a necessidade dos cuidados maternos para o funcionamento do sistema prazer-desprazer. Green postula que se pode, por outro lado, dizer: “Para que a realização alucinatória do desejo seja posta em prática para que o Eu - prazer purificado - se instale é necessário que o sistema de funcionamento que eles supõem disponha de uma cobertura materna” (p. 196).

Continuando seu estudo, Green escreve que, em *Esboço de Psicanálise*, Freud aborda a importância das primeiras experiências, bem como daquelas que lhes são contrárias, isto é, contrárias às da experiência de satisfação. O equilíbrio ou o antagonismo das duas experiências, de satisfação e de dor, revela a função do objeto. Na experiência de satisfação o papel do objeto é de proteção, assegurando as possibilidades de satisfação. Na experiência de dor, a carência do objeto tem como efeito provocar no sujeito uma forte destrutividade, conduzindo



a uma realização alucinatória de dor ou de desprazer responsável pela criação de um seio “mau” ou à destruição de representações que signifiquem a esperança de uma realização alucinatória de desejo. Para Green, quem diz pulsão diz duplamente objeto: eles formam um par, pulsão-objeto, ambos podendo ser negativados e positivados.

Neste segundo modelo de base do funcionamento mental, postulado por Green, encontra-se o outro aspecto do trabalho do negativo: “... o de negativismo dos casos-limite, em que ele assume as formas do masoquismo moral, da reação terapêutica negativa, do aspecto do negativo das relações (Winnicott) e da experiência da função beta de Bion” (p.197).

Nesse caso, a referência às pulsões de destruição explica a atitude negativa na relação com o objeto que, paradoxalmente, visa a uma apegção parasitária. Para suportá-lo na transferência é preciso paciência. O trabalho do negativo, nestes casos, oscila entre a análise da transferência negativa e das projeções destrutivas e entre os estados de não representação, de branco e de vazio. Esse processo esterilizante do tratamento é a expressão das pulsões destrutivas. Essa situação permite compreender que a função de representação é mais uma aquisição do que um dado. A segunda tópica coincide com uma modificação do estatuto da representação, “... ela não é mais um dado para a edificação do psiquismo, mas uma efetivação deste; ela sofre a marca do corpo e, ao mesmo tempo, acentua, a despeito das aparências, a funcionalidade do objeto como complemento necessário” (p. 200).

Green, no desenvolvimento de suas ideias aplicadas à interpretação do trabalho do negativo em relação aos conceitos freudianos, debruça-se também, ao longo de todo o livro, sobre as defesas primárias. Reunidas com o nome de trabalho do negativo e tendo o recalque (*Verdrängung*) como seu protótipo, o conceito de defesas primárias foi ampliado, posteriormente, pelas descobertas de Freud de outros mecanismos análogos tais como a desmentida (*Verleugnung*), a forclusão (*Verwerfung*), a denegação (*Verneinung*). A seleção entre essas defesas, segundo Green, se dá porque todas estas têm em comum uma forma de julgamento. Precisam decidir e dar uma resposta, seja sim ou não. Afirma Green que a resposta não é sim e não, isto representaria o objeto transicional, “... é e não é o seio ou a mãe” (Winnicott). A coexistência do sim e do não, conjuntiva, se efetua sob o primado de Eros. Nas defesas mais distantes do recalque, a coexistência do sim e do não é disjuntiva, ficando o trabalho do negativo sob os auspícios das pulsões de destruição.

Postula Green, ainda, que o trabalho do negativo não se refere apenas às defesas, estende-se às instâncias do aparelho psíquico. Assim, existe o não do eu,





o não do supereu e o não do id, como é observado na clínica.

Muitos pacientes que apresentam reação terapêutica negativa mostram uma dilaceração entre o sim e o não como um “vício” do trabalho do negativo. Muitos respondem com um nem sim nem não. Entre esses pacientes, Green recorda o caso do Homem dos Lobos. A recusa de investir desses pacientes representa a recusa de viver.

Um dos temas centrais da obra de Green é o das relações do trabalho do negativo e o alucinatório (a alucinação negativa). Segundo ele, as estruturas não neuróticas, quando em tratamento psicanalítico, tendem a ser interpretadas pelo analista com parâmetros em uso nas neuroses. No entanto, aquelas exigem outros tipos de interpretações, evocando menos a lógica do recalque do que a da denegação vista do ângulo específico do não reconhecimento perceptivo.

Para Green, a construção do *setting* psicanalítico e a seleção dos pacientes clássicos privilegiaram mais a representação do que a percepção, a realidade psíquica mais do que a realidade externa, a reação à ausência mais do que à presença, a fantasia mais do que a percepção.

Green afirma que, se Freud se afasta da sintomatologia da alucinação, é para entender melhor a essência da vida alucinatória, pois desde o *Projeto para uma psicologia científica* (embora a alucinação negativa esteja presente desde o período hipnótico-catártico), já definira as bases do seu modelo da vida psíquica, postulando a analogia entre percepção e alucinação na experiência de satisfação. Neste período a realização alucinatória do desejo ainda não era nomeada. A importância da alucinação negativa só pode ser avaliada como o reverso da realização alucinatória do desejo.

Green destaca a diferença entre o recalque e a alucinação negativa. O recalque é empregado contra os processos internos, enquanto a alucinação negativa é dirigida contra percepções.

Green escreve sobre as alucinações negativas em relação às percepções internas, ligadas ao corpo e aos afetos, e sobre as alucinações negativas em relação ao pensamento, referindo-se aos casos da não percepção dos pensamentos através da linguagem (o branco do pensamento). Na sessão analítica, o silêncio se manifesta pela impossibilidade da formação de palavras como ferramenta do pensamento, que é diferente do silêncio da emissão da fala.

Sobre a alucinação negativa em relação à percepção externa, Green dá o exemplo de duas cenas ocorrendo quase simultaneamente: de um lado, entre o pensamento pré-consciente e a representação inconsciente (recalcada); de outro, entre o pensamento pré-consciente e a percepção externa que a reativa. A alucinação negativa evita, a qualquer preço, o encontro das duas cenas. Green



compara a situação a dois trens que partem em velocidade, nos mesmos trilhos, em sentidos opostos. A percepção é evitada porque ela dá o valor de uma realização alucinatoria de desejo, mas esta tem como consequência um perigo. Então, o único meio de enfrentá-lo é a disjunção com a percepção.

Green, sobre as alucinações negativas no *setting*, comenta que modificações, não notadas pelo analisando ou em casos que ele descobre um detalhe que sempre esteve lá, importam mais por levarem a recordações de aspectos centrais da organização conflitual do paciente do que pelo conteúdo.

Referindo-se ao seu conceito de estrutura enquadrante, Green afirma que, em trabalho anterior, ampliou o sentido da alucinação negativa com a definição: “A mãe é tomada no quadro vazio da alucinação negativa e se torna estrutura enquadrante para o próprio sujeito” (...) (p. 226). Green dá o exemplo das mãos negativas desenhadas nas grutas pelo homem pré-histórico. A mão se destaca da parede, aparecendo uma mão não desenhada. Escreve: “Nesse sentido, importa pouco que a distinção entre os suportes da alucinação negativa nos faça às vezes hesitar entre percepção e representação, pois o capital, ao contrário, é compreender que a alucinação negativa (da mãe) (...) tornou as condições da representação possíveis” (p. 226).

Green lembra que o excesso de presença não dá lugar à representação, mas à passagem ao ato, conduta perversa, toxicomania, depressão, crise psicossomática, etc.

Sobre a identificação, Green escreve, na introdução de seu livro, que, embora ela não seja uma defesa, igualmente pode ser interpretada segundo o trabalho do negativo. Ele chama a atenção para a distinção entre identificação e representação. Se há identificação, não há representação. Para Green a desmentida protege do perigo da identidade sexual, “... enquanto a identificação tenta responder à ameaça da perda do objeto, o perigo sendo a alienação do sujeito” (p. 91). Green tenta entender o trabalho do negativo na identificação refletindo sobre como uma forma de apego pode se modificar e se transformar como único recurso ao qual uma relação de objeto pode ser abandonada.

Em relação à sublimação, no último capítulo do livro, encontramos uma longa discussão seguindo o percurso de Freud em relação ao tema. O texto aborda também as contribuições de Klein sobre a teoria das posições e as de Winnicott com a criação do espaço intermediário, que Green considera uma das maiores contribuições à psicanálise. O negativo está presente na teoria freudiana como dessexualização e, em Klein, na ideia de reparação. A partir de Winnicott, afirma ele, com a criação de uma nova categoria de objetos, nós nos habituamos a complexificar o campo objetual, não dividindo mais os objetos em internos e



Maria Clélia de Barros Menegat

---

externos, opondo suas propriedades. Então, para Green, os objetos da sublimação não são apenas os envolvidos no processo de sublimação, mas a própria atividade de sublimação. Para o pintor, por exemplo, o objeto é a própria pintura. Há uma função objetalizante atuando na sublimação. A sublimação já não está mais presa no dilema dessexualização-reparação, embora Green constata o papel das pulsões destrutivas tanto em Freud, devido à disjunção, quanto em Klein, em razão da posição esquizoparanóide.

Em anexos, no final do livro, estão três textos sobre *O Trabalho do Negativo* e o texto *A Analidade Primária* publicados anteriormente. □

**Maria Clélia de Barros Menegat**

Av. Protásio Alves, 3111/402  
90410-130 – Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: cleliamenegat@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA